



ANTISSEMITISMO: UMA INTRODUÇÃO

**Volume 1: uma breve história
do ódio mais longo**



StandWithUs Brasil

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E
MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO**

Sumário

Introdução	4
A popularização do antissemitismo	7
Antissemitismo - uma nota sobre a grafia.....	7
Antissionismo - uma nota sobre a grafia	9
Antissemitismo: uma breve história do ódio mais duradouro	9
O mundo greco-romano.....	9
Cristianismo	11
Ensinos iniciais do cristianismo sobre os judeus.....	11
Teologia da substituição	12
As cruzadas	12
A primeira cruzada (1096–1099)	13
A segunda cruzada (1147–1150)	13
A terceira cruzada (1189–1192)	14
A inquisição espanhola (1478–1834)	14
Guetos e o “símbolo judaico”	15
O calunioso libelo de sangue: da Itália do século XV a San Diego do século XXI	16
Depois do Holocausto: cristãos repensam a teologia sobre judeus e judaísmo.....	16
A igreja Católica Romana	17
Evangélicos.....	17
Protestantes liberais	18
Islã.....	18
Judeus no pensamento islâmico	18
Islã e os judeus na história	20
A Batalha de Khaybar	21
Legado de Khaybar hoje	21
Expulsão de judeus da arábia.....	22

O Pacto de Umar: codificando o status dos não-muçulmano	22
Distintivos de identificação e “guetos”	25
Extremismo Islâmico: uma ideologia moderna adapta o	
Antissemitismo Europeu	25
A aliança islamista da extrema esquerda.....	27
A “Questão Judaica”: antissemitismo do século XIX à	
Alemanha nazista	28
Antissemitismo Nazista: judeus como a “antirraça”	30
Antissemitismo redentor	31
Protocolos dos Sábios de Sião: um mandado para o genocídio... 31	
O Holocausto: um genocídio antijudaico intercontinental	32
As balas eram muito caras: assassinato em massa por gás	34
O genocídio dos romanis	34
A última ordem de Hitler: destruir os judeus	34
O Antissemitismo se adapta à política do século XXI	35
Comparação e Contraste: tropos antissemitas conectando	
os extremos	36
Aja!	38
Saiba mais	39

“Juro nunca ficar em silêncio quando e onde quer que os seres humanos sofram sofrimento e humilhação.

Temos sempre que escolher um lado.

Neutralidade ajuda o opressor, nunca a vítima.
O silêncio encoraja o torturador, não o atormentado.”

— Elie Wiesel, Prêmio Nobel e sobrevivente do Holocausto, 1986

Introdução

Este livreto é o primeiro volume da série “Antissemitismo 101”, produzida pelo Centro de Combate ao Antissemitismo, uma divisão da StandWithUs (StandUptoHatred.com). Cada livreto examina diferentes formas de antissemitismo moderno. Este volume oferece uma visão geral da história do antissemitismo.

Definido de forma ampla, o antissemitismo é a intolerância contra os judeus. Historicamente, o antissemitismo causou violência intensa contra os judeus, incluindo expulsões, massacres, conversões forçadas e genocídios. No mundo de hoje, o antissemitismo é propagado por três grupos ideológicos principais: a extrema direita, extremistas islâmicos e a extrema esquerda.

O Volume 2 aborda o antissemitismo da extrema direita, incluindo o supremacismo branco. O Volume 3 foca no antissemitismo radical islâmico; e o Volume 4 examina o antissemitismo da extrema esquerda. Cada volume possui uma lista de leitura complementar e itens recomendados para ação.

Esta série é necessária porque o antissemitismo, que recuou para as sombras após os horrores do Holocausto (1938–1945), está ressurgindo fora das margens da sociedade.. Além disso, embora haja muito debate sobre o antissemitismo, muitas pessoas não estão familiarizadas com suas ideologias, motivações, história, mecanismos e linguagem. Indivíduos bem-intencionados, especialmente aqueles em posições de liderança pública, frequentemente não reconhecem o antissemitismo ou entendem como ele funciona. Isso constantemente leva à inação por parte dos administradores universitários, clérigos, políticos, forças de segurança e educadores. Essa falha em agir permite que o antissemitismo cresça até ser expresso por meio de atos de violência, que aumentaram em frequência nos últimos anos.

Aumento do antissemitismo no Brasil:

Nos últimos anos, o Brasil tem enfrentado um aumento alarmante nos casos de antissemitismo, como indicam diversos relatórios e estudos. Denúncias de antissemitismo no país aumentaram significativamente, registrando um aumento de 1.000% após conflitos em Israel, de

acordo com a Confederação Israelita do Brasil (CONIB) [Fonte: CNN Brasil]. Relatórios revelam que houve, em média, um ato antissemita por semana nos últimos dois anos, destacando uma tendência preocupante [Fonte: O Globo]. O período entre 2018 e 2022 também é apontado como um momento em que os casos de antissemitismo cresceram, com o número de atos neonazistas e antissemitas em escolas aumentando 760% entre 2019 e 2022 [Fontes: Piauí, Carta Capital]. Além disso, entidades judaicas no Brasil alertam para o aumento da islamofobia no país, indicando um clima de intolerância que ameaça afetar não apenas a comunidade judaica, mas também outras minorias religiosas [Fontes: CNN Brasil, Congresso em Foco].



O antissemitismo está aumentando em diversas partes do mundo também:

- O massacre de 11 judeus por um terrorista supremacista branco na sinagoga Tree of Life, em Pittsburgh, em outubro de 2018, chamou a atenção para o fato de que o antissemitismo é um perigo claro e presente. Outros ataques antissemitas se seguiram, perpetrados por pessoas de diversas origens:
- Embora os judeus representem pouco menos de 2% de todos os americanos, em 2019 eles foram alvo de 60,2% de todos os crimes de ódio religiosamente motivados. Em 2018, o FBI relatou que os judeus foram vítimas em 56,9% de todos os crimes de ódio religiosamente motivados, incluindo 12 mortes naquele ano.
- A guerra de maio de 2021 entre Israel e o grupo terrorista Hamas desencadeou o antissemitismo, alguns deles violentos, nos Estados Unidos, Canadá, Europa e em outros lugares. As redes sociais amplificaram ainda mais esse ódio.
- Em 2021, os incidentes antissemitas nos Estados Unidos atingiram o nível mais alto de todos os tempos, com “um total de 2.717 incidentes de agressão, assédio e vandalismo”. Em todo o mundo, em 2021, houve “um aumento significativo em vários tipos de incidentes antissemitas na maioria dos países com grandes populações judaicas.”

- Em 2021, nos Estados Unidos, os ataques antissemitas, especialmente contra pessoas judias que usavam roupas distintas, aumentaram dramaticamente. Em um incidente especialmente violento em Nova Jersey, um homem deliberadamente atropelou quatro judeus hassídicos e esfaqueou um deles, causando ferimentos graves.



Carro alegórico com caricatura antissemita no desfile de carnaval nas ruas de Aalst, Bélgica

- No Canadá, em maio de 2021, durante a guerra entre Israel e o Hamas, foram relatados 266 incidentes antissemitas, incluindo 61 incidentes violentos e 51 de vandalismo. Este foi o número mais alto já registrado em um único mês, representando “um aumento surpreendente de 578% em relação aos nove incidentes violentos registrados em todo o ano de 2020, e um aumento de 336% em relação aos 14 incidentes violentos registrados em todo o ano de 2019.”

- Na França, foram registrados 589 incidentes antissemitas em 2021, um aumento de 74% em relação aos 339 incidentes registrados em 2020.

- No Reino Unido, foram registrados 2.255 incidentes antissemitas em 2021, um aumento de 34% em relação aos incidentes registrados em 2020 (1.684).

- Em 2021, as autoridades alemãs “registraram 3.028 crimes politicamente motivados com causa antissemita, o maior total até o momento.

- A Austrália viu 447 incidentes antissemitas em 2021, um aumento de 21,5% em relação aos 368 incidentes de 2020.



Este cartaz exibido em um comício anti-guerra em São Francisco incorpora inúmeras difamações antissemitas: judeus são a causa das guerras, judeus causam guerras em prol de Israel, judeus são nazistas, Judeus controlam o mundo, os judeus de hoje não são os “verdadeiros judeus”, judeus idolatram o dinheiro, judeus são o diabo, judeus são supremacistas brancos, judeus são capitalistas, judeus são porcos sionistas e judeus influenciam a América.

- Na Bélgica, “diferentes formas de ódio aos judeus existem lado a lado. Eles derivam da extrema direita e da extrema esquerda, e recentemente também da população muçulmana. Existe também uma espécie de ‘antissemitismo cotidiano’ na forma de estereótipos.” Em março de 2019, num Carnaval de rua em Aalst, Bélgica, gigantes bonecos de judeus estereotipados com um rato empoleirado em sacos de dinheiro foram desfilados pelas ruas. Em 2018, um líder sindical belga escreveu em um jornal de extrema esquerda que Israel sequestra crianças palestinas e as mata para retirar seus órgãos.

Como resultado do aumento de agressões, vandalismo e discriminação, a maioria dos judeus europeus acredita que discursos de ódio e assédio antissemitas se tornaram a nova normalidade, a ponto de muitos deles temerem se identificar como judeus.

A popularização do antissemitismo

Esses ataques violentos aos judeus têm sido acompanhados pelo aumento de narrativas antissemitas nos principais meios de comunicação, fóruns públicos, universidades e, principalmente, em plataformas de mídia social. Um traço marcante do antissemitismo é sua adaptabilidade de uma civilização para outra. Sua história remonta à civilização pagã greco-romana.

As teologias anti-judaicas da igreja cristã primitiva adotaram e amplificaram esse ódio ao longo dos séculos. Isso criou uma base para formas racistas de antissemitismo que surgiram na Europa do século XIX, evoluíram para o nazismo e, finalmente, levaram ao genocídio em escala industrial de seis milhões de judeus no Holocausto.

Hoje, o antissemitismo frequentemente se expressa como “antissionismo”, uma ideologia que afirma “estar apenas criticando Israel”. No entanto, a linguagem antissionista muitas vezes contém estereótipos antissemitas semelhantes aos das formas antigas de antissemitismo. Nossa série de livretos explorará essa questão com mais detalhes

Antissemitismo - uma nota sobre a grafia

Antissemitas não se opõem ao semitismo. Eles odeiam judeus.

O termo antissemitismo é problemático por várias razões. Os judeus não inventaram o termo. Ele foi criado no século XIX por pessoas que odiavam os judeus.

As raças semitas ou arianas são fictícias. Originalmente, as palavras ariano e semita eram usadas para descrever famílias linguísticas. As línguas semitas incluem o hebraico e o árabe. Línguas arianas incluem aquelas pertencentes às línguas indo-europeias.

No meio do século XIX, racistas europeus começaram a ver o mundo como uma luta permanente entre a “raça ariana” branca e a “raça judaica semita”. Em 1879, o jornalista alemão Wilhelm Marr cunhou o termo antissemitismo para dar um nome “científico” ao seu tipo de racismo anti-judeu.

Desde o genocídio nazista de 6 milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, o antissemitismo passou a ser universalmente compreendido como significando ódio aos judeus.

Estudiosos do tema e instituições como o IHRA (Aliança Internacional em Memória do Holocausto) ressaltam a importância de usar a grafia sem hifenização, por dois motivos. Primeiramente, para combater a ideia de que existe a categoria étnica dos semitas, ao qual o “anti-semitismo” se oporia. Em segundo lugar, para fortalecer a noção de que este termo racista foi criado especificamente para se referir ao ódio aos judeus. Em alemão, francês, espanhol e muitas outras línguas, o termo nunca foi hifenizado.

Definição de Sionismo

Sião é um nome antigo para Jerusalém e a Terra de Israel, onde os judeus têm uma presença constante há mais de 3.000 anos. O sionismo representa os laços profundos do povo judeu e o desejo de ser livre em sua terra ancestral. Em um nível político, é um movimento de libertação que apoia os direitos judaicos à autodeterminação em Israel.

Antissionismo - uma nota sobre a grafia

David Hirsh, professor de sociologia da Universidade de Londres, escreveu:

Os antissionistas criaram um novo 'ismo' em torno de sua campanha contra Israel - uma maneira de pensar sobre todo o mundo. Dentro dessa estrutura antissionista, uma caricatura de Israel é dotada de grande significado simbólico. É um significado que se relaciona apenas aqui e ali com o Estado de Israel real. Se os palestinos representam, na imaginação antissionista, todos as vítimas do "ocidente" ou do "imperialismo", então Israel é colocado no centro do mundo como sendo símbolo da opressão em todos os lugares. Assim como o antissemitismo, o antissionismo imagina os judeus como sendo o centro de tudo o que há de ruim no mundo.

Ademais, de acordo com o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa (2006), são hifenizadas as palavras que terminam com a mesma letra da segunda palavra, ou quando a segunda palavra começa com a letra h.

Eliminar o hífen em "anti-sionismo" descreve essa ideologia pelo que ela é: uma ideologia que tem muito pouco a ver com o significado realdo sionismo.

Antissemitismo: uma breve história do ódio mais duradouro

O MUNDO GRECO-ROMANO

O renomado estudioso Robert S. Wistrich descreve o antissemitismo como "o ódio mais duradouro", traçando-o até tempos antigos. O povo judeu tem uma história que remonta há mais de 3.000 anos, durante os quais eles encontraram muitas civilizações diferentes. Escritores gregos e romanos muitas vezes acreditavam na superioridade de sua própria civilização, expressando xenofobia em relação aos judeus e outras culturas, rotulando-os de "bárbaros". Muitos filósofos romanos viam o judaísmo como um desafio direto à base de sua cultura.



Detalhe do Arco de Tito (ver abaixo) em Roma (81 EC), que celebra soldados do Império Romano que saquearam do templo de Jerusalém.



Alguns exemplos:

- **Paganismo vs Monoteísmo:** os romanos acreditavam em um panteão de deuses. Os judeus, no entanto, acreditavam no monoteísmo ético, propondo a existência de apenas um único Deus invisível, que tenha criado o universo de acordo com um plano moral e eterno. Os romanos se ofendiam com o fato de os judeus rejeitarem seus deuses, acusando-os de “arrogantes”.
- **Alimentação:** a carne de porco era o prato favorito dos romanos. As leis dietéticas judaicas (kashrut) proíbem o consumo de carne de porco, impedindo os judeus de participar dos festins romanos. Muitos romanos encaravam isso como uma afronta pessoal, dando origem ao estereótipo dos judeus como antissociais.
- **Sábado:** os judeus se abstêm de trabalhar a cada sétimo dia, o sábado. Os romanos não tinham um dia semanal de descanso e rotulavam os judeus como preguiçosos e improdutivos. Roma governava seu império com brutalidade, incluindo sua ocupação da Terra de Israel, o que causou inúmeras rebeliões.

Em 67 EC, os judeus se revoltaram em massa, mas Roma derrotou a revolta em 70 EC. Jerusalém e seu templo, o centro da vida judaica, foram destruídos. Outra rebelião judaica irrompeu em 115 EC. Em 132 EC, os judeus se revoltaram novamente, mas desta vez Roma esmagou brutalmente a revolta, resultando na morte de quase 600.000 judeus.



Jesus diante do sumo sacerdote
(Fonte: Wikimedia Commons).

CRISTIANISMO

O crescimento e a disseminação do cristianismo, começando há 2.000 anos, representaram um ponto de virada na história do antissemitismo. Jesus e seus discípulos eram judeus nascidos na Judeia, ocupada pelos romanos. Inicialmente, eles se concentraram em disseminar os ensinamentos de Jesus para outros judeus.

Este foi um período caótico na região. As relações judaicas com seus governantes romanos eram tensas, e a sociedade judaica estava fragmentada em facções rivais. As principais eram os saduceus, baseados no templo, e seus principais rivais, os fariseus, que formaram a base do judaísmo rabínico ainda praticado hoje. Os primeiros cristãos eram uma das muitas facções judaicas.

Ensinos iniciais do cristianismo sobre os judeus

A narrativa do Novo Testamento relata os três anos de intensa atividade religiosa de Jesus na região da Galileia, Israel. Ele então viajou para Jerusalém, onde entrou em conflito com as autoridades judaicas. De acordo com o Novo Testamento, o julgamento e a crucificação de Jesus foram resultado de uma conspiração de “sacerdotes, escribas e anciãos” judeus que “planejaram pegar Jesus com traição e matá-lo” e entregá-lo aos romanos para ser executado.

Nessa narrativa, os líderes judeus conspiram nos bastidores e são responsabilizados pela morte de Jesus na cruz, um método romano de execução. O cristianismo gradualmente se separou do judaísmo ao longo de vários séculos após a morte de Jesus. Quando, no quarto século EC, o cristianismo se tornou a religião do estado do Império Romano, “[a] disputa religiosa entre duas seitas pequenas e relativamente impotentes, ambas em desacordo com o mundo pagão em que viviam, foi subitamente transformada em uma relação desigual entre uma religião estatal triunfante e uma minoria religiosa sitiada.”



Assassinato de judeus durante a Primeira Cruzada. *Observe o “chapéu judaico”.
[Consulte a página 14.]



Não era mais politicamente aceitável interpretar o Novo Testamento de uma maneira que retratasse os romanos como vilões na história da morte de Jesus. Como os textos podem ter várias interpretações, a igreja primitiva transferiu a culpa pela morte de Jesus para “os judeus” como um todo.

Teologia da substituição

Na teologia da igreja primitiva, partes do Novo Testamento foram interpretadas para que “o judeu” se tornasse “o outro”. Uma tradição chamada *Adversus Judaeos* (latim para “Contra os Judeus”) se desenvolveu. Era “um conjunto de textos polêmicos cristãos especificamente direcionados contra os judeus, escritos do primeiro século até pelo menos o século XVIII.”

Central para o *Adversus Judaeos* era a doutrina da teologia da substituição, afirmando que “os judeus” perderam seu status como o povo escolhido de Deus, tendo sido substituídos pela “nova Israel” (a igreja), tornando os judeus a “antiga Israel”. O *Adversus Judaeos* incluía a acusação de deicídio (ou seja, “matar Deus”), afirmando que “os judeus” assassinaram Jesus, a quem os cristãos acreditam ser o filho de Deus e Deus encarnado. Isso literalmente demonizava os judeus, retratando-os como “parceiros do Diabo”. Assim, os judeus eram percebidos como o “inimigo inveterado da humanidade”, para o qual era necessária uma “defesa”. “Defesa” significava discriminação sistemática, expulsões em massa, massacres, conversões forçadas e isolamento físico.

As cruzadas

Entre 1096 e 1270, uma série de cruzadas foi lançada a partir da Europa cristã. O objetivo declarado dos Cruzados era recapturar a Terra Santa dos muçulmanos, que a conquistaram do Império Bizantino cristão no século VII. Enquanto o principal objetivo dos Cruzados era a Terra Santa, os judeus da Europa - retratados como inimigos do Cristianismo - foram seu primeiro alvo.

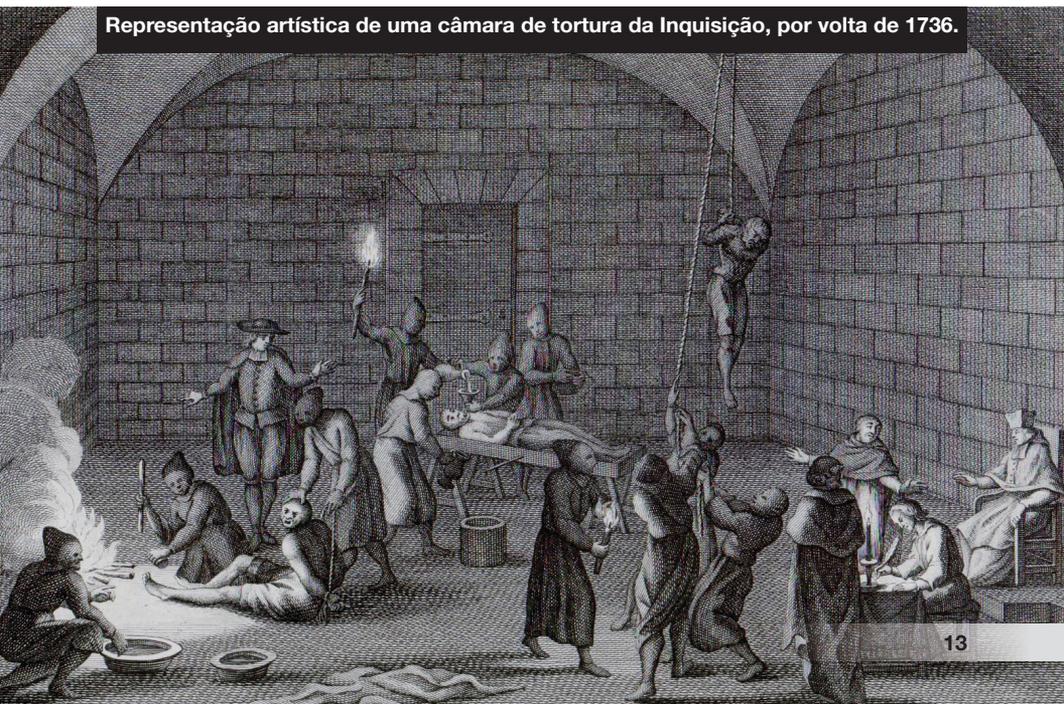
A primeira cruzada (1096–1099)

A Primeira Cruzada partiu em 1096 do sul da França em direção a Constantinopla. Os Cruzados passaram pela Renânia (na atual Alemanha), onde destruíram muitas comunidades judaicas. Ao longo de sua jornada para a Terra Santa, eles assassinaram dezenas de milhares de judeus. Quando os Cruzados chegaram a Jerusalém, sitiaram a cidade, conquistaram-na e massacraram todos os seus defensores muçulmanos e judeus.

A segunda cruzada (1147–1150)

Uma segunda cruzada foi lançada por medo de que o Reino dos Cruzados de Jerusalém estivesse sob ameaça. Novamente, os Cruzados massacraram muitos judeus na Renânia. No entanto, desta vez, tanto as autoridades religiosas quanto as seculares buscaram evitar mais violência contra os judeus.

Representação artística de uma câmara de tortura da Inquisição, por volta de 1736.



A terceira cruzada (1189–1192)

Em 1187, Salah al-Din (Saladino) retomou Jerusalém em nome do Islã. Uma Terceira Cruzada foi declarada em 1189 para reconquistar Jerusalém. Novamente, ocorreram massacres antisemitas. Na Inglaterra, os judeus de York se refugiaram na torre do castelo, enquanto os que ficaram na cidade foram massacrados. A torre do castelo estava prestes a cair quando os 150 judeus encurralados escolheram o martírio e cometeram suicídio.



Chapéu judaico,
Inglaterra, século XIII.

A inquisição espanhola (1478–1834)

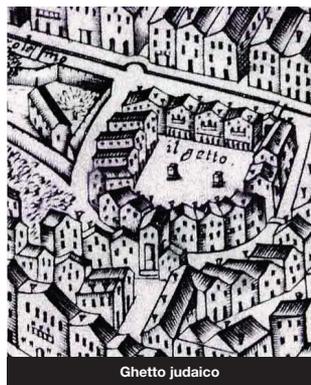
Estabelecida em 1478 pelos reis da Espanha, Fernando e Isabel, o propósito original da Inquisição era combater a heresia na Espanha católica. A Inquisição é lembrada por sua brutalidade, incluindo a tortura para extrair confissões e queima em massa na fogueira de “hereges”. Entre os principais alvos da Inquisição estavam os “Cristãos-Novos”, judeus que fingiram conversão quase um século antes, em 1391, depois de serem confrontados com a escolha entre conversão ao cristianismo ou morte.

Os “Cristãos-Novos” eram marginalizados legalmente pela lei de *limpieza de sangre* (pureza de sangue). Foi a primeira vez na história que os judeus foram classificados com base em linhas raciais, estabelecendo um precedente para a Alemanha nazista. Em 31 de março de 1492, Fernando e Isabel deram aos judeus espanhóis uma escolha: expulsão ou conversão. A maioria escolheu a expulsão, e cerca de 160.000 judeus partiram, indo principalmente para o Império Otomano muçulmano. Aqueles que se converteram permaneceram sob suspeita. Muitos permaneceram católicos, mas secretamente mantiveram tradições judaicas em suas casas, apesar do risco de serem descobertos e perseguidos.



Guetos e o “símbolo judaico”

Para separar fisicamente os judeus dos cristãos na Europa Ocidental, os judeus foram forçados a viver em guetos murados que eram trancados e guardados à noite. A palavra “gueto” provavelmente deriva do italiano “getto”, que significa despejar metal fundido em um molde. O primeiro gueto judeu murado foi estabelecido em Veneza em 1516. O “gueto” foi um refinamento de uma prática centenária que segregava os judeus em áreas específicas das cidades europeias.



Em 1179 e 1215, a Igreja Católica Romana pediu a segregação dos judeus e os obrigou a usar roupas diferentes para identificá-los e humilhá-los. Um desses símbolos era o “chapéu judeu”, projetado para fazer a pessoa que o usava parecer ridícula. Em 1262, Praga segregou seus judeus em um gueto e, em 1460, Frankfurt estabeleceu um “Beco dos Judeus”. Em outras partes da Europa, os judeus também foram forçados a viver em guetos. Em 1555, o Papa Paulo IV emitiu uma proclamação forçando os judeus de Roma a viverem em um gueto. Os guetos eram pobres, insalubres, perigosos e superlotados. Eles não podiam se expandir, forçando os moradores a construir para cima, criando os primeiros “arranha-céus” de até seis ou sete andares. O gueto de Roma, perto do Rio Tibre, muitas vezes inundava. Ficar trancado à noite tornava os judeus alvos fáceis para massacres. Um desses ataques foi o tumulto Fettmilch, de 1614, em Frankfurt.

Durante o Holocausto, os nazistas reviveram o gueto e o símbolo judaico. Na Polônia, judeus de toda a Europa foram forçados a viver em pequenos guetos murados, sem comida e remédios suficientes. Dezenas de milhares morreram de fome e doença. De 1941 a 1942, os nazistas “liquidaram” os guetos e enviaram mais de dois milhões de judeus para serem assassinados nas câmaras de gás de Auschwitz, Belzec, Sobibor e Treblinka.



O calunioso libelo de sangue: da Itália do Século XV a San Diego do Século XXI

Na Idade Média, surgiram mitos acusando os judeus de assassinar ritualmente crianças cristãs e de usar o sangue delas na fabricação do matzá da Páscoa (pão ázimo). Mesmo no século XXI, esse mito - conhecido como o libelo de sangue - ainda está sendo difundido.

Em 1475, o corpo de Simon, um menino cristão, foi encontrado em Trento, Itália. Um frade franciscano incitou contra os judeus da cidade, alegando que eles haviam matado Simon para usar seu sangue na fabricação do matzá. Todos os judeus de Trento foram presos e, após interrogatórios envolvendo tortura, alguns “confessaram”. Líderes da comunidade judaica foram queimados na fogueira e decapitados. Essas crenças estavam tão profundamente enraizadas nas sociedades europeias que esse episódio medieval deixou um legado literário, visual e racista duradouro ao longo dos séculos, que ainda é usado até o presente.

Em 27 de abril de 2019, uma sinagoga em Poway, em San Diego, nos EUA, foi atacada. O atirador matou uma pessoa e feriu várias outras. Seu manifesto online evocou o libelo de sangue medieval: “Você não foi esquecido, Simon de Trento, o horror que você e inúmeras crianças sofreram nas mãos dos judeus nunca será perdoado.”

Em março de 2020, Giovanni Gasparro lançou uma nova pintura antissemítica, chamada O Martírio de São Simon de Trento, pelo assassinato ritual judaico, retratando judeus sorridentes enquanto coletavam sangue do corpo de uma criança.

Depois do Holocausto:

Cristãos repensam a Teologia sobre Judeus e Judaísmo

O choque do Holocausto resultou em uma séria reflexão por parte das principais igrejas cristãs ocidentais. Em 1965, o Segundo Concílio Vaticano emitiu a “Declaração Nostra Aetate sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs”.



O documento renunciou inequivocamente à acusação de que “os judeus” eram coletivamente responsáveis pela morte de Jesus. Proibiu o antissemitismo para os cristãos e renunciou à teologia da substituição, chamando a aliança de Deus com o povo judeu de “eterna”.

Muitas igrejas protestantes também começaram um longo processo de reconsideração de suas crenças, chegando a conclusões teológicas semelhantes às da Igreja Católica Romana. Essas mudanças abriram caminho para um florescimento histórico nas relações judaico-cristãs, que resultou em crescente respeito mútuo entre muitos cristãos e judeus.

A Igreja Católica Romana

Em 1904, Theodor Herzl, fundador do sionismo moderno, se encontrou com o Papa Pio X, esperando pelo apoio do Vaticano. Em vez disso, o papa disse a Herzl: “Os judeus não reconheceram nosso Senhor, portanto, não podemos reconhecer o povo judeu.” Em contraste acentuado, quando o Papa João Paulo II (1978-2005) visitou Israel, ele conheceu o Memorial do Holocausto Yad Vashem e colocou uma carta no Muro das Lamentações, pedindo o perdão de Deus. Ele assegurou: “A Igreja Católica... está profundamente entristecido pelo ódio, atos de perseguição e exibições de antissemitismo dirigidos contra os judeus por cristãos em qualquer época e em qualquer lugar.”

O Papa Francisco (2013-presente) foi ainda mais longe, afirmando: “Atacar os judeus é antissemitismo, mas atacar diretamente o Estado de Israel também é antissemitismo.”

Evangélicos

Os cristãos evangélicos não formam um bloco monolítico, mas compõem um importante bloco pró-Israel entre eleitores no Brasil. Isso se baseia principalmente em considerações teológicas, especificamente na crença bíblica de que Deus deu a Terra de Israel ao povo judeu, com quem Deus fez uma aliança eterna essencial para a fé cristã.

Embora a maioria dos judeus aprecie esse apoio, muitas vezes existem diferenças acentuadas em relação às questões sociais dentro da comunidade judaica, que é em grande parte politicamente liberal. Além disso a realidade social de Israel em muito diverge da idealizada por esse grupo.

Protestantes liberais

A situação se inverte em algumas denominações protestantes liberais. A maioria dos protestantes liberais abraça visões religiosas, sociais e políticas progressistas. Embora esses protestantes tenham tomado posições teológicas muito semelhantes sobre os judeus e o judaísmo como a Igreja Católica Romana, existem tensões sérias em relação a Israel.

Dentro de muitas dessas igrejas, surgiu um movimento abertamente antissemita. Muitos aliados cristãos liberais se manifestaram internamente, questionando por que Israel, uma democracia, é alvo de resoluções todos os anos, enquanto a maioria dos outros estados do Oriente Médio, todos ditaduras, é ignorada. Esse foco obsessivo em Israel é criticado por ser influenciado pelo antissemitismo que ainda existe dentro dessas igrejas.

ISLÃ

Judeus no pensamento islâmico

A história das relações entre muçulmanos e judeus é diferente da dinâmica cristã-judaica em uma área-chave: o Islã clássico não demoniza os judeus como sendo do diabo. Ao contrário do Novo Testamento, o Alcorão não se apresenta como o cumprimento da Bíblia Judaica, mas como uma reafirmação de sua mensagem original. Isso não significa que o judaísmo seja considerado igual ao Islã. É uma religião monoteísta a ser “tolerada”, o que não é o mesmo que igualdade.



A tolerância no mundo islâmico pré-moderno assumia que os muçulmanos naturalmente tinham mais direitos que os não muçulmanos. Embora isso tenha concedido a judeus e cristãos alguns, mas não todos, os direitos e privilégios que os muçulmanos desfrutavam, um governante poderia facilmente optar por retirar esses direitos.

Existem muitos versos no Alcorão que retratam os judeus de maneira positiva, assim como muitos outros hostis, permitindo diferentes interpretações. Como resultado, às vezes os judeus eram tratados bem sob o domínio islâmico, e outras vezes eram oprimidos.

A vida judaica floresceu na “Era Dourada” da Espanha muçulmana. No entanto, essas eras douradas eram frágeis, como ilustra o seguinte episódio na vida de Maimônides (Rabino Moshe ben Maimon).

Maimônides viveu em Córdoba no século XII, na Espanha muçulmana. Nascido em 1135, ele se tornaria um renomado rabino, filósofo e médico, permanecendo uma das figuras mais importantes do judaísmo.

Em 1148, quando ele tinha 13 anos, Córdoba foi invadida pelos Almóadas, um movimento islâmico liderado por berberes do norte da África que buscavam purificar o Islã de todas as influências estrangeiras. Aos judeus e cristãos foram dadas três opções: conversão, exílio ou morte. A família Maimon permaneceu em Córdoba fingindo conversão. Secretamente, eles continuaram sendo judeus. Depois, mudaram-se para Fez, Marrocos, que também estava sob o domínio dos Almóadas.

Em Fez, Maimônides e sua família pareciam ser muçulmanos, mas continuavam a viver de acordo com a fé judaica em particular. Quando o professor de Maimônides, Rabino Yehuda Ha-Cohen Ibn Shushan, foi preso e executado por seguir secretamente o judaísmo, a família Maimon fugiu para a Terra de Israel, mas depois se estabeleceu perto do Cairo, Egito, longe dos Almóadas fanáticos. Lá, Maimônides se tornou médico pessoal de Salah al-Din, o famoso general muçulmano que derrotou os Cruzados e fundou a dinastia Aiúbida egípcia.



Maimônides
(Rabino Mosh ben Maimon).

Em 1168, no lêmén, um clérigo muçulmano extremista chegou ao poder e decretou que os judeus do lêmén deveriam se converter ao Islã. O rabino líder do lêmén enviou uma carta a Maimônides pedindo conselhos. Maimônides escreveu sua famosa “Carta ao lêmén”, na qual orientou os judeus do lêmén sobre como enfrentar a opressão. Ele também recebeu assistência de Salah al-Din para intervir em nome dos judeus do lêmén.

Essa história ilustra o quanto a situação dos judeus sob o domínio islâmico poderia ser incerta. Maimônides nasceu na Era Dourada Judaica na Espanha muçulmana, testemunhou seu fim, sofreu perseguição, viu a execução de seu professor e fugiu para salvar a própria vida. Ele encontrou refúgio em outra terra sob o domínio muçulmano (Egito) e alcançou uma posição muito alta na corte de um famoso líder muçulmano, o que lhe deu a oportunidade de aconselhar uma comunidade judaica perseguida em outro território muçulmano e usar sua influência com Salah al-Din para ajudá-los.

Islã e os judeus na história

O relacionamento entre muçulmanos e judeus começou na Península Arábica do século VII, onde os judeus viviam há séculos. No século VI d.C., “os judeus não estavam apenas presentes em considerável número na Arábia, mas estavam bem integrados na vida e cultura da península.” Na época de Maomé, o fundador do Islã, os judeus falavam um dialeto judeo-árabe, estavam organizados em tribos e haviam “assimilado muitos dos valores da sociedade do deserto”.

O livro sagrado do Islã, o Alcorão, descreve as interações entre Maomé e os judeus, oferecendo uma visão teológica islâmica desses eventos. No entanto, os historiadores não dependem da teologia, mas buscam entender a história com base em fontes objetivas, como a arqueologia.

Em 622 d.C., Maomé encontrou em Medina uma comunidade judaica grande e estabelecida, dividida em três tribos. Inicialmente, Maomé tentou convencer os judeus de Medina a se converterem à sua fé, mas eles se recusaram a fazê-lo. As tribos judaicas foram envolvidas nas batalhas entre os seguidores muçulmanos de Maomé e as tribos árabes pagãs de Medina. O exército muçulmano saiu vitorioso e expulsou duas das tribos judaicas.

O destino da terceira tribo judaica, a Banu Qaynuqa, foi muito mais brutal: Maomé ordenou a execução de todos os homens (cerca de 900) e deu as mulheres e crianças aos seus guerreiros.

A Batalha de Khaybar

Após sua expulsão de Medina por Maomé, a tribo judaica Banu Nadir encontrou refúgio em Khaybar, um distrito judeu próspero. Maomé liderou seu exército até Khaybar, sitiou a cidade e, após uma breve, mas feroz batalha, os defensores judeus se renderam.

Aqui, o precedente foi estabelecido para as relações entre a autoridade muçulmana e um povo não-muçulmano conquistado. A segurança pessoal e a propriedade dos judeus de Khaybar estavam garantidas neste tratado de rendição, mas eles tinham que pagar um imposto de 50%. O apoio corânico a esse requisito é encontrado em Surah 9:29: “Combatei aqueles que não creem em Deus e no Último Dia, e não proíbem o que Deus e Seu Mensageiro proibiram, e não reconhecem a religião da verdade, dentre os que receberam o Livro, até que, humildes, paguem o tributo.”

A palavra “humildes” é fundamental. As comunidades judaicas eram “toleradas” e “protegidas” com direitos limitados se aceitassem a posição superior do Islã e pagassem uma jizya anual, ou imposto de proteção. O termo árabe para esse sistema é dhimma, e uma pessoa protegida é um dhimmi. As leis dos dhimmis ficaram conhecidas como o Pacto de Umar.

Legado de Khaybar hoje

O ataque militar muçulmano do século VII e a derrota dos judeus de Khaybar ecoam no século XXI. Em muitas manifestações anti-Israel, tanto no mundo muçulmano quanto em cidades ocidentais, os



Meme de um site radical islâmico na Indonésia com um slogan anti-judaico.

manifestantes entoam em árabe: “Khaybar, Khaybar, oh judeus, o exército de Maomé voltará!” Esta é uma frase de batalha que pede a repetição da derrota militar e subjugação dos judeus de Khaybar como modelo para a derrota e destruição de Israel. Seu subtexto, dado sua origem no Alcorão, é a demanda para que os judeus israelenses voltem ao status inferior de dhimmi.

Expulsão dos judeus da arábia

O califa Umar ibn al-Khattab (634–44) iniciou uma campanha militar para conquistar o Oriente Médio. “Vastas quantidades de prisioneiros de guerra foram trazidas para a Arábia como escravos... a mão de obra judaica já não era necessária”; e os judeus restantes de Khaybar foram expulsos, muitos deles indo para a Terra de Israel.

O Pacto de Umar: codificando o status dos não-muçulmanos

O Pacto de Umar, atribuído ao califa Umar, um dos companheiros mais graduados e confiáveis de Maomé, tornou-se o princípio principal que governava o relacionamento entre muçulmanos e não-muçulmanos.

À medida que o império islâmico árabe e expandia, governando sobre povos nativos recém-conquistados, os governantes muçulmanos se comprometiam a proteger os dhimmis, os judeus e os cristãos.

Em troca, “os dhimmis tinham que pagar a jizya e kharaj” (impostos de poll e terras).

Se os dhimmis não pagassem a jizya,

o compromisso de proteção

da vida e propriedade

de um dhimmi estaria

sujeito a cancelamento,

o que significava que o

dhimmi teria que se

converter, se tornar um

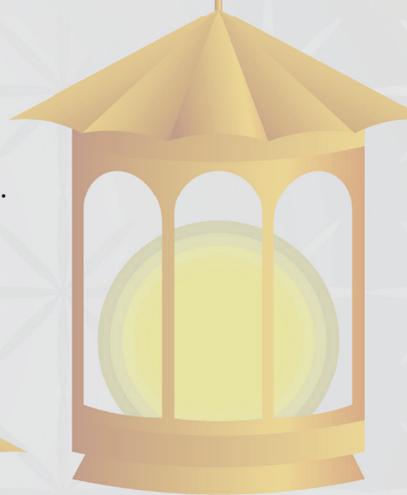
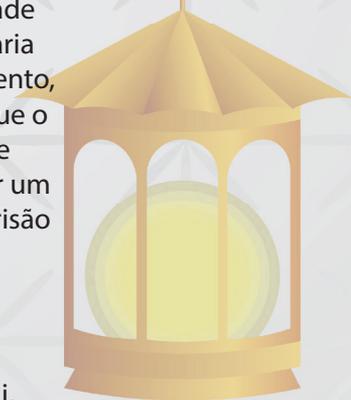
escravo, ir para a prisão

ou ser executado.

De acordo com o estudioso argelino André N. Chouraqui,

“Havia doze leis que limitavam as condições sob as quais o dhimmi estava autorizado a habitar dentro da comunidade dos Fiéis, das quais as seis primeiras eram consideradas de importância vinculativa e absoluta”.

A violação de qualquer uma das seis primeiras leis era punível com a morte.



Aos dhimmis era proibido:

1. Tocar no Alcorão, para que não zombassem dele ou falsificassem seu texto.
2. Falar do Profeta com termos falsos ou desdenhosos.
3. Falar da fé islâmica com irreverência.
4. Tocar em mulheres muçulmanas - o casamento entre um dhimmi homem e uma mulher muçulmana também era proibido (mas não entre uma mulher dhimmi e um homem muçulmano).
5. Fazer qualquer coisa que pudesse virar os muçulmanos contra sua fé.
6. Fazer qualquer coisa que pudesse ajudar os inimigos do Islã ou seus espiões.

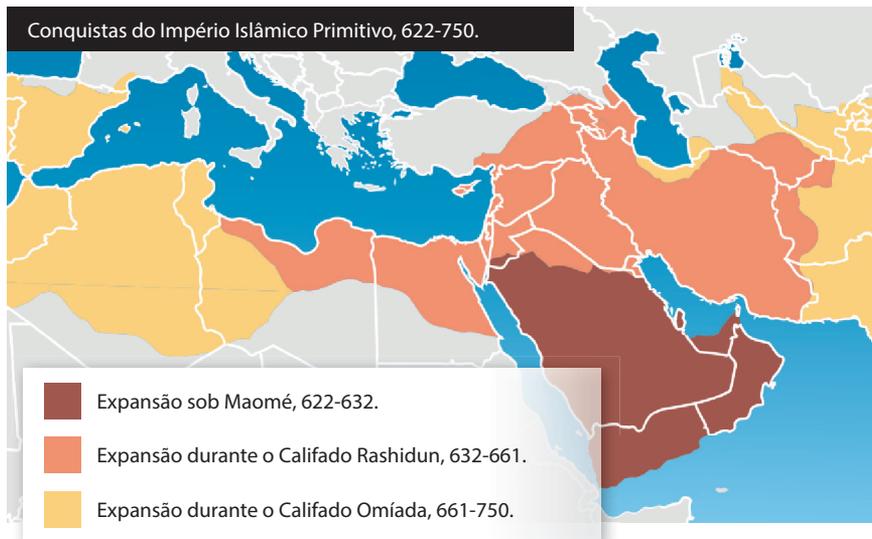
As seis leis restantes não eram crimes capitais, mas eram aplicadas de qualquer maneira. Os dhimmis eram:

1. Obrigados a usar roupas distintas com uma faixa, e um pedaço de pano amarelo para os judeus, e azul para os cristãos.
2. Proibidos de construir suas casas, sinagogas ou igrejas mais altas do que os edifícios mais altos dos muçulmanos.
3. Proibidos de realizar seus rituais religiosos em público ou deixar que seus sinos, chifres de carneiro, orações ou cânticos fossem ouvidos em uma cidade muçulmana.
4. Proibidos de beber vinho em público ou, para os cristãos, de exibir suas cruzes.
5. Obrigados a enterrar seus mortos discretamente, sem permitir que suas orações ou lamentações fossem ouvidas.
6. Proibidos de possuir cavalos (considerados animais nobres), apenas jumentos ou mulas.



Judeus de Maswar, Iêmen, 1902 (Fonte: Wiki Commons, Domínio Público).

Conquistas do Império Islâmico Primitivo, 622-750.



A experiência judaica na Arábia “prefigurou a de todos os povos subsequentemente conquistados pelos árabes”. Nos séculos VII e VIII, os exércitos muçulmanos árabes invadiram e colonizaram o leste do Mediterrâneo, Norte da África e partes da Europa. Muitos povos e religiões não-muçulmanas e não-árabes, incluindo comunidades judaicas com séculos de existência, vieram sob o domínio muçulmano árabe.

As disposições do tratado de Khaybar tornaram-se o modelo que governava as relações entre os recém-chegados conquistadores muçulmanos e sua maioria de súditos não-muçulmanos, principalmente cristãos e zoroastristas.



A Porta do Mellah (Bairro Judaico), 1880.

Distintivos de identificação e “guetos”

No início da história islâmica, os dhimmis eram obrigados a usar roupas de identificação. Esses distintivos foram impostos muito antes que regulamentos semelhantes fossem aplicados aos judeus em terras cristãs.

No século XV no Marrocos, a dinastia Marinid exigiu que todos os judeus de Fez vivessem em um distrito murado da cidade. Essa área era chamada de “mellah”, que significa “sal” em árabe, provavelmente porque o solo da área tinha alto teor de sal. Um século depois, outro mellah judeu foi estabelecido em Marrakech. No início do século XIX, o governante do Marrocos, Sultão Suleiman, ordenou que todos os judeus vivessem em mellahs. Nas cidades, essas áreas eram cercadas por muros e portões. Nas áreas rurais, os judeus eram obrigados a viver em vilarejos separados.



Membro do Hezbollah fazendo a saudação nazista.

Extremismo Islâmico: uma ideologia moderna adota o antissemitismo europeu

O historiador sírio-alemão Bassam Tibi escreve: “O Islã é uma religião e uma civilização que merece respeito, enquanto o islamismo é uma ideologia política que deve ser submetida a uma investigação crítica”.



O líder do nacionalismo árabe palestino era Haj Amin al-Husseini. Ele e muitos outros nacionalistas pan-árabes se dedicaram à causa da Alemanha nazista. Em 28 de novembro de 1941, al-Husseini (à esquerda) foi o convidado de honra de Hitler em Berlim. Al-Husseini recrutou muçulmanos bósnios para lutar pela Alemanha nazista, fez transmissões regulares de rádio pró-nazistas em árabe para o Oriente Médio e usou seus contatos de alto nível para impedir o resgate de quatro mil crianças judias, todas as quais foram assassinadas. Após a Segunda Guerra Mundial, ele voltou ao Oriente Médio e liderou os esforços para impedir violentamente o estabelecimento de Israel.

Tibi explica que o termo “islamismo” é uma tradução da palavra árabe “al-Islamiyya”, cunhada por Hassan Al-Banna, fundador da Irmandade Muçulmana em 1928.

Com base nessa importante distinção entre o Islã, o Islã, a religião, e o islamismo, a ideologia política, Tibi descreve um processo de “islamização do antissemitismo” e identifica o antissemitismo como um componente-chave da ideologia islâmica.

O islamismo é uma ideologia política do século XX que combina ensinamentos islâmicos com métodos modernos de organização política europeia. Existem duas estratégias principais seguidas pelos islamistas: o voto ou a bala.

Entre os islamistas violentos, estão dois grupos: organizações como Al-Qaeda, ISIS e Boko Haram, entre muitos outros, com uma visão global de lutar contra a democracia liberal e todos os infiéis, incluindo outros muçulmanos. Outros islamistas incluem ultranacionalistas, como o Hamas, que têm agendas mais locais ou regionais, enquanto também apoiam o objetivo final de um mundo governado por uma teocracia islâmica.

O islamismo também combinou os versículos negativos do Alcorão sobre os judeus com o antissemitismo europeu moderno importado para o Oriente Médio nos séculos XIX e XX. Ideólogos islamistas como Sayyid Qutb criaram um antissemitismo islâmico totalmente moderno que ecoa fortemente o ódio no estilo nazista contra os judeus. É um componente importante das ideologias de vários grupos terroristas, tanto sunitas quanto xiitas.

Em uma ampla pesquisa global sobre atitudes antissemitas, a Liga Antidifamação mediu 100 países em sete regiões. A região com a maior média de atitudes antissemitas foi o Oriente Médio e o Norte da África.

As Américas	Europa Ocidental	Europa Oriental	Oriente Médio e Norte da África	África Subsariana	Ásia	Oceania (Austrália, Nova Zelândia)
19%	24%	34%	74%	23%	22%	14%

Tensões em torno do conflito árabe-israelense desempenham um papel nessas atitudes negativas. No entanto, elas também são causadas por ideias antissemitas islâmicas sendo disseminadas para centenas de milhões de pessoas na região. Essas crenças antissemitas não são meramente antissionistas; em vez disso, refletem estereótipos específicos antijudaicos, incluindo teorias conspiratórias sobre judeus controlando governos, bancos e mídia.

A ALIANÇA ISLAMISTA DA EXTREMA ESQUERDA

Muitos desses movimentos islamistas de direita, antidemocráticos, antissemitas, homofóbicos e misóginos encontram apoio entre a esquerda ocidental

Por exemplo, durante uma “aula” anti-Israel em Berkeley, em 2006, a filósofa feminista Judith Butler respondeu a uma pergunta da plateia sobre a relação da esquerda com os grupos terroristas islamistas Hamas e Hezbollah. Ela disse:

“Acredito que entender o Hamas e o Hezbollah como movimentos sociais progressistas, que estão à esquerda, que fazem parte de uma esquerda global, é extremamente importante.”

Eva Illouz, israelense, professora e socióloga de esquerda que critica frequentemente as políticas de seu governo, reprovou fortemente Butler,

“Chamar o Hamas e o Hezbollah de membros da esquerda global não é apenas um insulto à esquerda, mas um golpe sério nela. Dois movimentos armados, financiados pelo Irã, que defendem a lei da Sharia, a Jihad e o assassinato de judeus, que praticam a pureza sexual das mulheres, endossam a pena de morte e são autodeclarados homofóbicos, não podem pertencer a qualquer esquerda que eu e a maioria das pessoas conhecem.”

Alguns da esquerda veem no islamismo uma força anti-imperialista e anticapitalista, apesar das visões reacionárias do islamismo em relação às mulheres, à comunidade LGBTQIA+, minorias religiosas e à democracia.

A “QUESTÃO JUDAICA”:

Antissemitismo do século XIX à Alemanha nazista

Antes da Revolução Francesa, judeus na Europa Ocidental e Central eram obrigados a viver em guetos murados. A Revolução Francesa derrubou a velha ordem, tirando o poder dos monarcas e clérigos e entregando-o ao povo. Tanto a Revolução Americana (1776) quanto a Francesa (1789) foram a expressão política da “Era da Iluminação”, que começou a tornar a Europa mais secular e democrática e levou à criação de estados modernos.

Napoleão, que se declarou imperador em 1804, expandiu o Império Francês para a maior parte da Europa. “Em todo o território ocupado pelos franceses, a igualdade legal dos judeus, assim como a igualdade legal de todos os habitantes, foi constitucionalizada”. Judeus da Europa Ocidental e Central experimentaram a Iluminação como emancipação.

No entanto, a grande maioria dos judeus do mundo vivia no Império Russo, governado por um monarca. Todos os judeus foram segregados em uma região chamada Pale de Assentamento, principalmente na Polônia de hoje. Após a queda de Napoleão em 1815, os judeus ainda não eram cidadãos plenos na França, Alemanha ou Inglaterra.

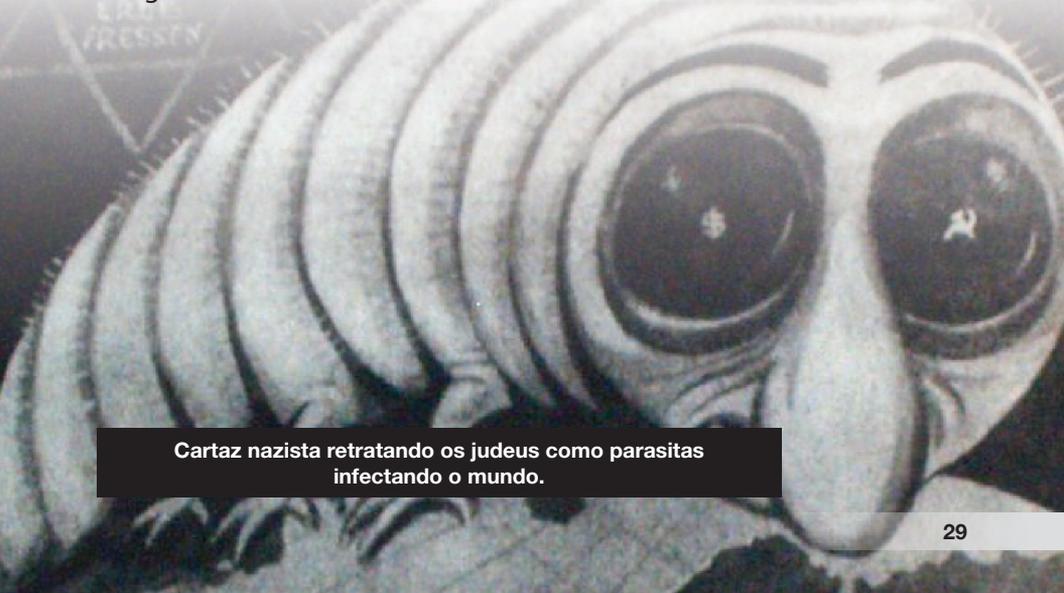


Cartoon no jornal nazista Der Stürmer.

Contudo, à medida que o século avançava, esses judeus conquistaram lentamente mais direitos civis. Eles começaram a se assimilar e a ocupar seu lugar na sociedade secular europeia nas profissões, artes, ciências e economia.

Enquanto isso, uma reação dos monarquistas e da igreja à Iluminação começou. Eles se opuseram à secularização e à democracia liberal, que equiparavam à emancipação judaica. Isso é a origem da “Questão Judaica” antissemita que assombrou a Europa moderna até o século XX. Uma série de forças políticas e sociais também foram desencadeadas. Nacionalismo, comunismo, socialismo, liberalismo, capitalismo, secularismo e racismo ofereceram explicações e soluções concorrentes para os problemas do mundo moderno. Havia uma constante disputa entre essas forças, muitas vezes resultando em violência nas ruas, revoluções e guerras.

Nesse ambiente, a “Questão Judaica” tornou-se um foco negativo significativo para muitos desses movimentos, cada um retratando os judeus como seu inimigo. Os socialistas viam os judeus como centrais para o capitalismo, enquanto os capitalistas viam os judeus como líderes do socialismo. Os nacionalistas acusavam os judeus de deslealdade, enquanto os internacionalistas imaginavam os judeus como “tribalistas”. Diferentes “soluções” para a “Questão Judaica” foram oferecidas por esses movimentos, incluindo pedidos para que os judeus se assimilassem (perdessem sua identidade única) ou fossem expulsos ou retornassem aos guetos.



Cartaz nazista retratando os judeus como parasitas infectando o mundo.

Nesse contexto, o antissemitismo racial emergiu. Esse novo antissemitismo racial usava alegações científicas falsas de que os judeus eram uma “raça” semítica estrangeira, mortalmente perigosa para a civilização “ariana” branca. O slogan “Os Judeus São Nossa Desgraça” se popularizou e mais tarde foi adotado pelos nazistas.

Antissemitismo nazista: judeus como a “antirraça”

O estado nazista foi construído com base em uma ideologia que via a existência humana como um conflito perpétuo entre as raças. Eles reivindicaram uma hierarquia racial com os arianos (europeus brancos germânicos) no topo. Outras raças, como eslavos, africanos e ciganos, foram categorizadas como Untermenschen (sub-humanos).



Os nazistas colocaram os judeus em uma categoria separada: Gegenrasse (alemão para “antirraça”), o inimigo mais amargo e eterno dos arianos. O nazismo visualizou “o judeu” como um parasita desumanizado portador de doenças que contaminava a essência de um mundo saudável.

Antissemitismo redentor

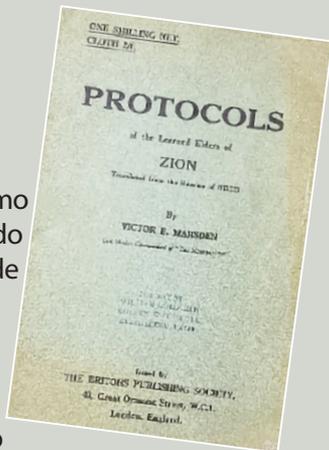
Crenças antissemitas são adaptáveis. Era apenas um pequeno passo de imaginar “o judeu” como o Anticristo para “o judeu” como a antirraça, levando à formulação de uma luta racial cósmica e eterna entre “arianos” e “judeus”. A redenção da Alemanha, na verdade, do mundo inteiro, requeria nada menos que a destruição completa dos “judeus”.

Isso é o “antissemitismo redentor”, no qual Hitler se via como o “salvador” da raça branca. Em Mein Kampf, ele declarou: “Portanto, hoje acredito que estou agindo de acordo com a vontade do Criador Todo-Poderoso: ao me defender contra o judeu, estou lutando pelo trabalho do Senhor.”

Protocolos dos Sábios de Sião:

Um mandado para o genocídio

Os infames Protocolos dos Sábios de Sião, escritos por volta de 1900 pela polícia secreta russa, permanecem como uma das principais fontes para a maioria das teorias conspiratórias antissemitas modernas. É “uma falsificação grosseira e feia, mas tragicamente influente, alegando uma conspiração mundial judaica.” Suas mentiras sobre os judeus, que foram repetidamente desacreditadas, continuam circulando hoje, especialmente na internet.



Os Protocolos foram traduzidos para dezenas de idiomas. Isso inclui todas as línguas europeias, além de árabe, persa, urdu, turco, japonês, malaio e outros.





Assassinato de judeus em Ivangorod, 1942.

As pessoas e os grupos que usaram os Protocolos estão todos ligados por um propósito comum perigoso: espalhar o ódio aos judeus.”

Os Protocolos “supostamente planejam a dominação judaica do globo através do controle de partidos políticos, bancos, imprensa e opinião pública, ‘lançando uma rede de ouro e aço ao redor do mundo’”. Os Protocolos foram provados como uma fraude deliberada em 1935. Até então, no entanto, já haviam sido amplamente distribuídos e lidos anos antes por um jovem Adolf Hitler, alimentando suas obsessões antissemitas. Por isso, o historiador Norman Cohn chamou os Protocolos de um “mandado para o genocídio”.

Conforme o século XIX deu lugar ao século XX, o antissemitismo cresceu como um movimento de massa. Após sua derrota na Primeira Guerra Mundial (1914–1918), uma Alemanha humilhada e economicamente desesperada foi assolada pela instabilidade política. Teorias antissemitas racistas promovidas pelo Partido Nazista de Adolf Hitler, que usou os Protocolos, ganharam maior popularidade, impulsionando os nazistas ao poder em 1933.

O Holocausto: um genocídio antijudaico intercontinental

O Holocausto foi a perseguição e o assassinato sistemático, burocrático e patrocinado pelo estado de seis milhões de judeus pelo regime nazista e seus colaboradores.

— Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos



Durante um período de dois dias, 33.000 judeus foram assassinados no Massacre de Babi-Yar em 1941.

O genocídio nazista dos judeus não foi o primeiro, nem o último, da história humana. No entanto, foi único de várias maneiras. Segundo a historiadora Deborah E. Lipstadt:

“Foi a única vez na história registrada que um estado tentou destruir um povo inteiro, independentemente de idade, sexo, localização, profissão ou crença individual. E é o único caso em que os perpetradores conduziram esse genocídio sem ganho material, territorial ou político aparente.”

O genocídio progrediu em estágios sob a cobertura da Segunda Guerra Mundial, começando com a invasão da Polônia pela Alemanha em 1º de setembro de 1939. Inicialmente, enviou unidades de batalhão chamadas Einsatzgruppen (grupos de implantação especiais) à Polônia para realizar operações de assassinato em massa, principalmente contra judeus, mas também assassinando inimigos políticos como intelectuais poloneses, clérigos e comunistas.

Depois que os nazistas atacaram a União Soviética em junho de 1941, os Einsatzgruppen seguiram o exército alemão enquanto avançava na Europa oriental. No total, eles assassinaram mais de um milhão de judeus, principalmente por fuzilamento, em milhares de locais. Babi Yar, uma ravina em Kiev, Ucrânia, foi o local de um desses massacres, onde as forças alemãs e colaboradores ucranianos assassinaram toda a população judaica de Kiev, 33.000 pessoas, ao longo de dois dias em setembro de 1941.

As balas eram muito caras: assassinato em massa por gás

Os nazistas consideraram esses esforços “ineficientes” e procuraram métodos mais “eficazes” de assassinato em massa na forma de “centros de extermínio” (Auschwitz, Sobibor, Treblinka e outros), todos na Polônia ocupada. Foram projetados como fábricas de assassinato em massa e, para letalidade eficiente, usaram câmaras de gás industrializadas especificamente projetadas. Os nazistas pressionaram seu genocídio não apenas por toda a Europa continental, mas também na África do Norte, na Alemanha e em seus aliados fascistas, na França de Vichy, na Itália de Mussolini, e estabeleceram campos de trabalho escravo no Marrocos, Argélia, Líbia e Tunísia.

Estima-se que 4.000 judeus morreram nos campos tunisianos. Em 1941, na tentativa de controlar os campos de petróleo estratégicos do Iraque, nacionalistas árabes pró-nazistas no Iraque, com assistência de Berlim, derrubaram o governo pró-britânico. À medida que os britânicos retomaram o Iraque, multidões árabes em Bagdá e Basra, incitadas pela propaganda nazista, cometeram um massacre de dois dias de pelo menos 200 judeus iraquianos, conhecido como Farhud.

O Genocídio dos Romani

Os nazistas também consideravam os povos roma (conhecidos pejorativamente como “ciganos”) como subumanos, considerando-os “inimigos do estado baseado em raça”. Durante a guerra, a máquina de morte nazista assassinou cerca de 1,5 milhão de roma a tiros, por inanição e nas câmaras de gás dos campos de extermínio. O genocídio abrangeu grande parte da Europa.

A última ordem de Hitler: destruir os judeus

A obsessão de Hitler por aniquilar os judeus foi demonstrada até o fim com seu “Testamento Político”, sua última comunicação para a nação alemã, escrita às 4 da manhã de 29 de abril de 1945, logo antes de cometer suicídio em seu bunker em Berlim. Com Berlim em ruínas, invadida pelas forças aliadas, ele declarou:

“Acima de tudo, imponho à liderança da nação e a seus seguidores a rigorosa observância das leis raciais e a resistência implacável contra os envenenadores universais de todos os povos, a judiaria internacional”.

A vitória dos Aliados sobre a Alemanha nazista veio no dia seguinte. Mas, para dois terços dos judeus europeus, cerca de seis milhões de homens, mulheres e crianças, era tarde demais.

O antissemitismo se adapta à política do século XXI

Após o choque do Holocausto, o antissemitismo foi forçado para as margens. Hoje, no entanto, a memória coletiva desse período está desaparecendo rapidamente.

O historiador Gil Troy descreve o antissemitismo como “uma mancha no corpo político que simplesmente não conseguimos remover”. Ele elabora:

“Não é apenas o ódio mais duradouro, mas é o ódio mais plástico: adaptável, flexível, artificial, durável e produzido em massa. Ele continua mutando como um vírus de computador, visando nossas vulnerabilidades ideológicas.”

A adaptabilidade do antissemitismo é vista na linguagem surpreendentemente semelhante usada por supremacistas brancos, islamistas radicais e muitos antissionistas de esquerda. Os islamistas e os antissionistas de esquerda muitas vezes incorporam esses tropos antissemitas, às vezes de forma codificada e às vezes de forma flagrante, em suas mensagens antissionistas.

Comparação e Contraste:

Tropos Antissemitas Conectando os Extremos

Este gráfico demonstra a semelhança na linguagem antissemita usada por três ideologias odiosas.

Os estereótipos antissemitas comuns compartilhados por extremistas de diferentes partes do espectro político:

JUDEUS E/OU SIONISTAS:	SUPREMACISTAS BRANCOS	ISLAMISTAS RADICAIS	ESQUERDISTAS
			
Controlam a mídia, as notícias, Hollywood	✓	✓	✓
Controlam os governos dos EUA e de outros países	✓	✓	✓
São ricos e poderosos; controlam bancos e finanças	✓	✓	✓
São tribais ou racistas	✓	✓	✓
Conspiram para controlar o mundo	✓	✓	✓
São estrangeiros, intrusos, invasores, etc.	✓	✓	✓
São irremediavelmente maus	✓	✓	✓
São leais apenas a si mesmos	✓	✓	✓
Assassinam deliberadamente crianças	✓	✓	✓
São belicistas	✓	✓	✓
São desleais, infiéis, traiçoeiros	✓	✓	✓
Distorcem, exageram ou mentem sobre o Holocausto para lucrar com isso	✓	✓	✓
Usam a carta do antissemitismo para silenciar o debate sobre Israel ou o Holocausto	✓	✓	✓

Denominador comum do antissemitismo

Como ideologias extremistas definem judeus e/ou sionistas em quatro passos:

1. Defina a "comunidade do bem" que está em perigo.	SUPREMACISTAS BRANCOS A raça branca, arianos, civilização europeia	ISLAMISTAS RADICAIS A ummah (a comunidade muçulmana global)	ESQUERDISTAS RADICAIS Trabalhadores, povos anteriormente colonizados, mulheres, pessoas de cor, muçulmanos, LGBTQIA+
2. Defina o "problema": mostre como e por que sua "comunidade do bem" é oprimida pelos judeus e/ou sionistas.	Hitler, Mein Kampf, 1924 "Ao ganhar o poder político, o judeu tira as poucas capas que ainda usa... Com alegria satânica no rosto, o jovem judeu de cabelos negros espreita à espera da menina inocente que ele contamina com seu sangue, roubando-a assim dela. Pois enquanto os sionistas tentam fazer com que o resto do mundo acredite que a consciência nacional dos Judeus encontra a sua satisfação na criação de um Estado Palestino, os Judeus novamente enganam maliciosamente os estúpidos Goyim. Nem sequer lhes passa pela cabeça construir um Estado judeu na Palestina com o propósito de viver lá; tudo o que querem é uma organização central para a sua fraude mundial internacional."	Carta do Hamas, 1988 "Com a riqueza eles [os judeus] controlaram as nações imperialistas e forçaram-nas a ocupar muitas nações para esgotar os seus recursos (naturais) e espalhar o mal nelas. Eles estão por trás da Primeira Guerra Mundial, na qual destruíram o Califado Islâmico e obtiveram lucros materiais e monopolizaram a riqueza bruta." Sayyid Qutb, grande ideólogo islâmico, 1950 "Os judeus foram inimigos da comunidade muçulmana desde o primeiro dia. Esta amarga guerra que os Judeus lançaram contra o Islão é uma guerra que não foi extinta, nem por um momento, durante quase catorze séculos."	Karl Marx, "Ensaio sobre a Questão Judaica", 1844 "Qual é a base secular do Judaísmo? Necessidade prática, interesse próprio. Qual é a religião mundana do judeu? Huckstering. Qual é o seu Deus mundano? Dinheiro. A emancipação social do judeu é a emancipação da sociedade do judaísmo" (ênfase no original). Propaganda soviética, 1977 "O sistema de organizações do sionismo internacional (que se estende por todo o mundo e, ao mesmo tempo, é fortemente centralizado) unido a uma poderosa base financeiro-econômica na forma da burguesia monopolista de origem judaica." Luta Socialista (Reino Unido), 2015 "O sionismo é a vanguarda da reacção burguesa hoje... a burguesia judaico-sionista desempenha um papel de vanguarda na ofensiva capitalista contra os trabalhadores."
3. Defina as consequências para a sua "comunidade do bem"	A "ordem natural" é perturbada, e a "comunidade do bem" não pode realizar seu potencial. Para remediar essa situação, uma solução final e radical deve ser encontrada.		

<p>4. Defina a solução final que salvará a sua "comunidade do bem".</p>	<p>Todos os judeus devem ser destruídos.</p> <p>Hitler. 30 de janeiro de 1939</p> <p>"Hoje serei mais uma vez um profeta: se os financiadores judeus internacionais, dentro e fora da Europa, conseguirem mergulhar as nações mais uma vez numa guerra mundial, então o resultado não será a bolchevização da Terra e, portanto, a vitória dos judeus., mas a aniquilação da raça judaica na Europa!"</p>	<p>Israel e os judeus devem ser destruídos.</p> <p>Sayyid Qutb, grande ideólogo islâmico, 1950</p> <p>"Os judeus voltaram novamente a praticar o mal e, conseqüentemente, Alá trouxe Hitler para governá-los. Mais uma vez hoje os Judeus voltaram a praticar o mal, na forma de 'Israel'. Então que Allah faça cair sobre o povo Judeu o pior tipo de punição."</p>	<p>Israel deve ser destruído.</p> <p>Partido Comunista da Grã-Bretanha, 2018</p> <p>"[Nós] opomo-nos à ideologia venenosa do sionismo (sic) como sendo uma ferramenta reacionária nas mãos do imperialismo. [Nós] decidimos criar uma opinião pública a favor da destruição do racista e opressivo estado de apartheid de Israel."</p>
---	---	--	--

Aja!

Seja no campus, na comunidade, no trabalho, na escola ou nas redes sociais, você não está indefeso diante do antissemitismo. Aqui estão algumas ações que você pode tomar:

1. Se parece antissemita, provavelmente é. Portanto, denuncie, seja nas redes sociais, na roda de conversa ou onde quer que seja. Dito isso, não assuma que todos são antissemitas maliciosos. Muitas pessoas são simplesmente ignorantes e podem mudar se você as envolver de maneira construtiva sobre o antissemitismo.
2. O antissemitismo não existe apenas entre nossos adversários políticos, mas também em nossos próprios círculos políticos. Ele vem de todos os lados. Denuncie quando ouvir. Relate incidentes de antissemitismo às agências e instituições apropriadas (polícia, administração do campus, StandWithUs, etc.).
3. Se ficar claro que você está lidando com um antissemita malicioso, discutir é perda de tempo. Eles estão provocando você, alegando o direito de interrogá-lo. Não caia nessa armadilha. Se alguém chamar você de porco, não perca seu tempo argumentando que você não é um porco. Mas Se informe sobre as manifestações contemporâneas do antissemitismo.
4. Não estamos sozinhos. Temos aliados em todas as comunidades de fé e étnicas. Desenvolva relacionamentos com membros dessas comunidades.

5. Uma maré crescente eleva todos os barcos. Todas as formas de intolerância devem nos preocupar profundamente. Assim como esperamos que nossos concidadãos se posicionem contra o antissemitismo, precisamos apoiá-los quando estiverem ameaçados.

6. Apoie Israel. Você sabia que os 6,7 milhões de judeus de Israel representam quase metade da população judaica mundial? Apoiar Israel pode significar muitas coisas.

- Apoie quando estiver em perigo, especialmente em caso de guerra.
- Apoie seu povo, mesmo que discorde de algumas de suas políticas governamentais.
- Visite Israel, conheça sua população diversificada de judeus, muçulmanos, cristãos, drusos e bahá'ís.
- Leia jornais online israelenses em inglês. Conheça a política, dilemas, desafios e realizações de Israel.
- Apoie grupos como o StandWithUs para que possamos continuar contando a incrível história de Israel.

Saiba Mais

Este livreto faz parte de uma série de quatro partes produzida pelo Centro de Combate ao Antissemitismo, uma divisão da StandWithUs. Esses quatro volumes detalham as diferentes formas de antissemitismo moderno, abrangendo os seguintes assuntos:

Volume 1: Antissemitismo: Uma Introdução

Volume 2: Antissemitismo da Extrema Direita

Volume 3: O Antissemitismo no Coração do Islamismo Radical

Volume 4: Antissemitismo da Extrema Esquerda

Através de uma parceria generosa com Evelyn e Dr. Shmuel Katz, a StandWithUs tem conseguido produzir materiais impressos de ponta por mais de duas décadas. Estudantes, membros da comunidade e ativistas em todo o mundo têm usado nossos populares livretos e folhetos para educar o público sobre Israel e o antissemitismo.

Patrocinado por:



Faça o download deste e de outros materiais educacionais no site:

standwithus.com/brazil

StandWithUs
BRASIL



StandWithUs Brasil



@standwithus_brasil



@StandwithusBr



StandWithUs Brasil

Contribua com nosso trabalho:

Doe em <https://www.catarse.me/standwithusbrasil>



© 2023 StandWithUs Brasil. Todos os direitos reservados.